

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

LÉONARD (Émile Guillaume). — **Histoire du Protestantisme**. Paris, Presses Universitaires de France, 1950, 126 pg.. Coleção "Que sais-je?"

Um artigo ou um livro sobre o protestantismo, vindo do professor Émile Léonard (2), dispensaria toda e qualquer apresentação. Diretor de Estudos da Secção de Ciências Religiosas da Escola de Altos Estudos, especialista que conta entre suas obras um grande número de trabalhos de história religiosa focalizando na sua maioria questões sobre o protestantismo, seu nome é, por si só, uma alta recomendação.

O livro do prof. Léonard, figurando na coleção "Que sais-je?" conhecida por seus objetivos de série de obras de divulgação, sofre as exigências de uma condensação excessiva, sendo obrigado a resumir em 126 páginas, toda a história do protestantismo.

Colaborador dos *Annales*, o autor reflete a influência desse espírito envolvente que é Lucien Febvre, citado várias vezes nos capítulos que estudam Lutero e os problemas da origem da Reforma. Opondo-se às razões exclusivamente políticas e morais, tradicionalmente apontadas para explicação da Reforma e criticando as elaborações fundamentadas numa visão economista do problema, como são as de Max Weber ou Barbagallo, que vêm na Reforma a expressão em termos teológicos de uma nova situação econômica, o prof. Léonard, baseando-se numa frase de Febvre "A la révolution religieuse, causes d'abord religieuses" (pg. 6) — encara a Reforma como uma resposta às necessidades espirituais da Cristandade, que a religião tradicional, não mais satisfazia.

O homem do fim da Idade Média, "época de guerras, sofrimentos e de pecado" (pg. 11), consciente de sua impotência em face do mal, tem diante de si um Deus longínquo e inacessível, demasiadamente austero para compreendê-lo. A Igreja que até então servira de aproximação sofre nessa época um enfraquecimento como instituição e órgão de direção religioso. O homem abandonado a si mesmo, não encontra resposta para a pergunta angustiante que lhe atormenta o espírito: "Que devo fazer para me salvar?" (pg. 12) Vem da Itália, irradiando-se por toda a Europa Ocidental, a tentativa de resposta dos humanistas: "uma nova concepção de vida e de religião" (pg. 14). Pico da Mirandola, Erasmo, Lefebvre d'Étaples, encontram eco na Alemanha, França, Inglaterra, Países-Baixos, Espanha, etc., sem trazerem a solução tão desejada. "A Cristandade pedia a salvação, os humanistas lhe ofereciam uma sabedoria e uma aspiração" incapazes de satisfazer completamente os seus anseios. O problema da salvação encontrará solução na alma de um homem: Martinho Lutero, resumida numa fórmula — "O homem se justifica pela fé sem as obras da Lei" (pg. 25). De uma solução eminentemente individualista, nasce a Reforma. O sentimento torturante de pecado que até então agoniava os espíritos é para Lutero, uma prova da eleição divina, condição essencial

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

(2). — O prof. Léonard foi professor de História Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1948-1950.

para salvação. "Pode-se sentir a força que Lutero encontrou nessa descoberta que transformava o que até então tinha sido suplicio, em segurança" (pg. 26). A Reforma aparece dessa maneira explicada por razões essencialmente espirituais. Reformar a Igreja saturada de vícios, preocupação primeira dos reformadores? Não, responde o prof. Léonard, o problema da salvação individual, foi a idéia germem da Reforma, a reforma das instituições, apareceu depois, como uma conseqüência lógica dos acontecimentos.

Lucien Febvre, já em 1928, colocara questão em **Un destin — Martin Luther** (3). Outros têm-na formulado em termos semelhantes. O livro do prof. Léonard contribuirá para a sua divulgação.

Também sobre a questão das indulgências: Lutero não critica na venda das indulgências a comercialização na Igreja, como muitas vezes se tem dito, mas reage contra uma doutrina que atribui às obras o poder de salvar as almas — concepção em oposição violenta à sua idéia de justificação unicamente pela fé.

Um bom capítulo: Calvino, sua formação e seu papel, retomando a Reforma, dando-lhe novas energias e realizando um notável esforço de sistematização. A oposição entre Calvino e Lutero é aí nitidamente traçada: este, cuja mensagem é essencialmente individualista e mística, deixa de lado os "aspectos sociais do problema religioso, quer se trate da vida secular do Estado ou da Igreja" (pg. 63); aquêle — Calvino, fará desses problemas o centro de suas atenções.

A necessidade de tratar de temas por vezes muito amplos em poucas palavras, leva certos trechos da obra a deslisarem para a história puramente narrativa. Isso acontece por exemplo nas referências feitas a expansão luterana e calvinista fora da França, no século XVII. O luteranismo e o calvinismo difundem-se pela Europa Ocidental. Em alguns países recrutam um grande número de adeptos, em outros mal conseguem penetrar. Por que? Quais os fatores psicológicos, políticos e espirituais responsáveis por esse fenômeno? Poderiam as condições espirituais, por si só, explicar a grande vitória do calvinismo na Suíça ou do luteranismo na Dinamarca ou Suécia, e por outro lado a sua pequena repercussão na Espanha ou na Itália? A reforma calvinista obteve um grande sucesso nos Países-Baixos, preparados pelas reformas humanista, luterana e anabaptista, que aí haviam conseguido numerosos adeptos. Apesar da terrível repressão do duque de Alba os dissidentes organizaram suas Igrejas. "Mas o sucesso definitivo de suas aspirações religiosas está ligado ao apoio que lhes prestou o príncipe de Orange — Guilherme de Nassau — o Taciturno" (p. 75). As províncias do sul onde a Reforma não encontrou um tal auxílio permaneceram católicas. Até que ponto os fatores espirituais, contribuíram para expansão do calvinismo ou do luteranismo, qual a responsabilidade dos fatores políticos nessa difusão? Eis problemas fundamentais que na maioria das vezes são negligenciados.

Lamentamos que o autor nem sempre possa ter mantido o nível explicativo esboçado no capítulo sobre a expansão do calvinismo na França, onde depois de mostrar os meios sociais em que se recrutaram os calvinistas, analisa, embora ligeiramente, os motivos políticos, psicológicos e sobretudo espirituais que explicam o fato do protestantismo ter-se radicado apenas nas províncias mais afastadas do centro. Excelentes também as observações sobre a expansão do protestantismo no século XIX, expansão que em menos de cem anos o transformou de um fenômeno quase exclusivamente europeu em mundial, pela colonização de novas terras, desenvolvimento da ação missionária, entre os pagãos e avanço sobre os países católicos, criando uma série de novos problemas.

Muitas vezes no decorrer do livro sentimos falta de maior relação entre os problemas espirituais e as questões sociais, políticas e econômicas. Outras vezes o autor deixa-se levar por divagações excessivas em torno de questões

(3). — **Un destin — Martin Luther**. 1928. Presses Universitaires. 1945.

dcutrinárias e eclesiásticas um tanto áridas, interessando mais à história do pensamento religioso. Isso se nota quando estuda o renascimento pietista ou quando se perde em considerações sobre o chamado "Reveil" — movimento de ressurreição espiritual do protestantismo no século XIX.

Essas observações não invalidam o trabalho. Uma obra de divulgação. Um pequeno livro — um assunto muito amplo. Numa visão rápida, toda a história do protestantismo, sem esquecer-se mesmo sua situação atual. Alguns problemas muito bem situados, apresentados sob um ângulo pouco usual. Notável esforço de síntese, bibliografia sumária, mas especializada — eis, em ligeiros traços, o livro do prof. Léonard.

EMILIA NOGUEIRA.

MADARIAGA (Salvador de). — Bolívar. Editorial Hermes. México, 1951.

Com dois alentados volumes que ultrapassam um milhar de páginas, Salvador de Madariaga publicou recentemente seu terceiro estudo biográfico — Bolívar.

Já conhecíamos o autor através de seu primeiro trabalho — *Vida del muy Magnífico Señor Don Cristobal Colon* — editado em 1940 em que defende uma tese convincente através de documentação abundante: a origem judaica do descobridor da América. Lamentamos, hoje, o desconhecimento de outro estudo biográfico do mesmo autor — *Cortes* — o que não deixa de ser lacuna apreciável para mais amplamente aquilatar-mos o sentido da obra deste infatigável investigador que vem dando rumo diferente aos estudos dos vultos mais interessantes da história americana.

Estávamos no Perú quando sentimos a repercussão produzida pelo último trabalho de Madariaga, verdadeira "bomba atômica", arrasante e destruidora, para a gente venezuelana cuja sensibilidade à qualquer nódoa à reputação do filho dileto não perdoa um arranhão sequer no monumento ideal levantado pela sua admiração ao gênio da liberdade americana.

A onda de protesto que se ergueu entre os venezuelanos diante do perfil de Bolívar traçado por Madariaga chegou até o Perú onde se quebrou na muralha do indiferentismo local, para quem a figura do Libertador é julgada por prisma diferente: assim se explica porque surgiram ali defensores da tese sustentada pelo culto investigador de temas americanos.

Que interesse parece presidir à obra de Madariaga destinada a provocar tão forte reação entre os incensadores da obra de Bolívar?

Creemos, depois da análise serena e imparcial do livro, que o Autor, aprofundando-se no estudo da época e do ambiente em que se desenvolveram os acontecimentos da fase da libertação americana do jugo espanhol, pretendeu defender a Espanha cuja política administrativa tem sido denegrida por muita gente e, até mesmo, pelos próprios espanhóis.

Julga Madariaga que os heróis da independência americana — San Martín, Iturbide e Bolívar — foram deformados pela "memória coletiva" que os transformou em personagens míticos, "tabús" intangíveis defendidos por uma legião de fiéis guardiões sempre prontos a terçarem armas em sua defesa, dentre os quais, infelizmente, se inscrevem alguns especialistas de assuntos históricos. Mas o "tabú" Bolívar foi profanado desde a sua genealogia em que o investigador descobre traços das duas raças escravizadas que serviram junto ao colonizador europeu: ambas as correntes miscegenadoras vão ser responsáveis por atitudes num sentido profundamente contrário aos interesses da colonização espanhola no movimento desencadeado por Bolívar.

A orfandade e a viuvez precoces agravarão a oposição ao espanhol peninsular que a educação do fidalgo não temperou. A ambição do poder aceleraria o grau da oposição transformada então em ódio. A "guerra de morte" foi a expressão mais viva da repulsa aos seus consanguíneos de além-mar. Mas